

O engano de Belerofonte na *Estenebéia* de Eurípides

Prof. Ms. Wilson Alves RIBEIRO JR.

Grupo de Pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, USP

warj@classica.org.br

Há uma correlação muito nítida, tanto do ponto de vista cênico quanto do ponto de vista léxico, entre os enganos descritos na poesia épica e na poesia trágica. Em Eurípides, especialmente, o tema do engano muitas vezes se baseia em paradigmas épicos, mas podem ser também encontrados vários enganos criados pelo próprio poeta, e.g. o da *Medéia*, e também recriações de enganos utilizados anteriormente por outros poetas trágicos e não foram mencionados pelos poetas épicos, e.g. o engano de Orestes contra Egisto e Clitemnestra, na *Electra*,¹ utilizado anteriormente por Ésquilo e por Sófocles.

Alguns dos mais interessantes e bem documentados enganos conservados pela epopéia e aproveitados na tragédia euripídiana são os de Preto (gr. Πρῶϊτος) e Estenebéia, respectivamente rei e rainha de Tirinto, contra o herói coríntio Belerofonte. Na tradição épica os enganos são praticados contra ele, mas em uma das tragédias perdidas de Eurípides, *Estenebéia*, há pelo menos um engano praticado pelo próprio Belerofonte, herói muito conhecido devido à sua associação com Pégaso, o cavalo alado.

No presente estudo será apresentada uma breve reconstituição da tragédia fragmentária *Estenebéia* na qual Eurípides apresentou ao público ateniense uma versão do mito de Belerofonte que concorda, em grandes linhas, com os enganos descritos no livro VI da *Iliada*. O poeta acrescentou, porém, um engano criado por ele mesmo, recurso utilizado pelo herói trágico para se vingar daqueles que haviam tramado sua morte.

Na *Iliada*, a história de Belerofonte é narrada no livro VI pelo lício Glauco, seu neto, aliado dos troianos (155-95). O primeiro engano foi tentado por Antéia, esposa de Preto;² o segundo, consequência do primeiro, por Preto; e o terceiro, consequência do segundo, por Iobates, rei da Lídia, pai de Antéia e sogro de Preto. Na ocasião, Belerofonte era hóspede de Preto, rei de Tirinto.

O primeiro engano é resultado da ilícita paixão de Antéia por Belerofonte. A rainha

¹ Sobre o engano em Eurípides, ver também o artigo *Μηχαναί e outros enganos nas Ifigêneas de Eurípides* (RIBEIRO JR., 2010).

² O nome *Estenebéia*, mencionado no Fr. 77 MOST (P. Oxy. 2487) do *Catálogo de Mulheres* pseudo-hesíodico (c. 625-550 a.C.) e posteriormente adotado pelos poetas trágicos, acabou predominando sobre o nome original e mais antigo da esposa de Preto, *Antéia*, conservado pelo poeta da *Iliada*.

tentou, inutilmente, seduzir o hóspede do marido (159-61) e, quando o herói repeliu seus avanços (161), acusou-o falsamente de tentar violentá-la (163). Preto acreditou na mentira da esposa (166-7) e, conseqüentemente, decidiu castigar o inocente Belerofonte. Os elementos desse engano se ajustam a um episódio bíblico bem conhecido, tradicionalmente intitulado “tema de Putifar” ou *Potipharmotiv*: a história de José, filho de Jacó, de seu mestre / patrão Putifar e da mulher deste (ver *Gênesis / Bereshit* 39.1-20; Corão 12.21-35).³ O engano de Antéia foi bem sucedido, pois Preto acreditou na esposa (166-7) e decidiu castigar o acusado. Ao invés de colocá-lo no cárcere, como fez o Putifar bíblico com José, Preto preparou um segundo engano (157; 167-70), caracterizado por uma carta levada pelo próprio Belerofonte a Iobates, rei da Lícia e sogro de Preto. O rei de Tirinto queria que o herói fosse morto por outras mãos.

Iobates preparou então o terceiro engano, mais exatamente uma série de três emboscadas certamente fatais (187-90), disfarçadas em missões ou tarefas: a luta contra a Quimera (179-83), a luta contra os Sólimos (184) e a luta contra as Amazonas (186). Em conformidade com o cânone heróico da poesia épica, Belerofonte saiu vitorioso das três empreitadas e ainda escapou de uma quarta e última tentativa de Iobates, que lhe preparou uma emboscada tradicional, com soldados escondidos que esperavam seu regresso ao palácio do rei (187-90).

Eurípides recorreu ao mito de Belerofonte em duas tragédias: *Estenebéia*, que aborda o mesmo episódio da *Iliada* que descrevi há pouco, e *Belerofonte*, que dramatiza os últimos episódios da vida de Belerofonte. Interessa-nos, aqui, a tragédia *Estenebéia*,⁴ associada ao tema de Putifar e da qual temos meia dúzia de testemunhos, um deles constituído por uma hipótese trágica praticamente completa, e doze pequenos fragmentos. Dispomos, no total, de uma hipótese e de 56 versos, alguns em mau estado de conservação, oriundos de testemunhos indiretos e de raros papiros. Os fragmentos foram editados recentemente por KANNICHT (2004) e a reconstituição conjectural apresentada a seguir se baseia na hipótese e na proposta de JOUAN (2002, v. 3, p. 10-4), que concorda em linhas gerais com as de Collard (1995, p. 79-80) e de COLLARD e CROPP (2008, p. 121-5). A meu ver, Eurípides emoldurou o enredo da

³ O *Potipharmotiv* está presente em histórias de muitas culturas antigas (ver BLOOMFIELD, 1923; YOANNAH, 1958; JOUAN, 1989). Na Grécia, antes de Eurípides, pode ser encontrado na *Iliada* (Belerofonte e Antéia, livro VI; Fênix e a concubina do pai, livro IX); nas *Neméias* IV e V de Píndaro; na *Naupactica*, pouco conhecido poema épico do século VI a.C., e na *Fedra*, de Sófocles. Eurípides recorreu várias vezes ao tema, e.g. nos dramas *Hipólito A*, *Hipólito B*, *Estenebéia*, *Peleu* e, talvez, também em *Fênix* e *Tenes*. Todas essas tragédias foram situadas por CROSET (1910, p. 215) e JOUAN (2002, p. 3) entre 438 e 428 a.C.

⁴ ΣΘΕΝΕΒΕΙΑ, *Fr.* 661-72 KANNICHT, encenada por volta de 430 a.C. É o 61^a drama do Catálogo das obras de Eurípides, estabelecido a partir das listas parciais conservadas nas *IG XIV 1152*, *IG II/III² 2363* e *1041*, e no *P. Oxy.* 2456.

Estenebéia em torno de dois enganos relativamente complexos, em que Belerofonte figura como enganado, no primeiro caso, e como enganador, no segundo.

Graças à *hipótese* (ver KANNICHT, 2004, p. 645-6) e aos primeiros versos do prólogo, conservados no *Fr. 5* do *P. Oxy. 2455* e no testemunho do erudito bizantino Ioannes Logothetes,⁵ sabemos que ela se passava em Tirinto, certamente diante do palácio de Preto, e que os três personagens envolvidos no engano — Preto, Estenebéia e Belerofonte — estão indubitavelmente presentes. Assim como no *Hipólito B*, é provável que a Ama da rainha tenha sido também um dos personagens da *Estenebéia*.

O prólogo é apresentado por Belerofonte, que menciona as insistentes e indecorosas propostas de Estenebéia,⁶ sua firme recusa e a intenção de deixar o palácio (*Fr. 661*). Logo depois, ainda no prólogo, Preto entra e encarrega Belerofonte de levar a carta fatal a Iobates; o herói sai e Preto relata a falsa acusação de Estenebéia, o conteúdo da carta e a certeza de que o herói não sobreviverá à viagem.

O párodo foi apresentado por um Coro provavelmente feminino, com a participação da Ama (*Fr. 663-5*), que descreve a incontrolável paixão da rainha. Não há nenhuma indicação sobre a natureza do Coro na hipótese ou nos fragmentos sobreviventes mas, assim como JOUAN (2002, p. 4), acredito que se tratava de um coro feminino por causa das óbvias semelhanças entre a *Estenebéia* e os dois *Hipólitos* de Eurípides.

No primeiro episódio, sobre o qual também não dispomos de nenhuma pista, provavelmente a própria Estenebéia externava seus sentimentos, assim como Fedra em algumas passagens do *Hipólito B*, e — talvez — também seu arrependimento pela calúnia contra Belerofonte. No primeiro estásimo, como em outras tragédias do século V a.C., o Coro deve ter recorrido a uma digressão de ordem mitológica, talvez a respeito de casamentos bem ou malsucedidos, como por exemplo em parte do primeiro estásimo da *Ifigênia em Áulis*.

O segundo episódio começa com a inesperada volta de Belerofonte que, diante de Preto e talvez de Estenebéia, relata sua vitória contra a Quimera (*Fr. 665a*). Depois da saída da rainha e certamente ao longo de uma cena agonística,⁷ o herói censura Preto pelo plano que ele concebera e que poderia tê-lo levado à morte; o rei se justifica, não demonstra arrependimento (*Fr. 667*), mas sem dúvida não expulsa o herói do palácio naquele momento. Nada se pode aventar sobre o segundo estásimo.

⁵ Dele sabemos apenas que viveu no s. XI e que escreveu um comentário sobre um tratado de retórica de [Hermógenes], *Περὶ μεθόδου δεινότητος*, ‘Método de clareza do discurso’.

⁶ Lembremos, aqui, o severo julgamento do personagem “Ésquilo” em *As Rãs*, de Aristófanes (1043): ... οὐ Φαίδρας ἐποίησεν πόρνας οὐδὲ Σθενεβοίας, ‘... não criei nem Fedras e nem Estenebéias prostitutas’.

⁷ O ἀγών é um dos recursos mais utilizados por Eurípides em todas as suas tragédias conhecidas.

No terceiro episódio, é quase certo que Belerofonte e a rainha aparecem em cena; ela provavelmente exprime de novo sua paixão e, mais uma vez, o herói a recusa e sai (*Fr.* 666). A rainha anuncia, então, que vai se reconciliar com o marido e que os dois planejarão uma vingança comum contra Belerofonte. Mais uma vez, sobre o estásimo subsequente nada se sabe.

No quarto episódio, o herói era sem dúvida avisado do complô por alguém do palácio, possivelmente um servo, recurso utilizado por Eurípides na *Ifigênia em Áulis* e no *Arquelau*, e decide, então, se vingar do casal. Diz a Estenebéia (pessoalmente, ou através da Ama) que decidiu aceitar seu amor, e a convida a fugir com ele, ambos montados em Pégaso. Apesar do medo (*Fr.* 669 e, talvez, também o *Fr.* 668), a rainha concorda e ambos deixam a cena.

Logo depois das desconhecidas reflexões do Coro no último estásimo, no início do êxodo, um furioso Preto relata a fuga da esposa e do hóspede. Surge então um humilde pescador (*Fr.* 670), que diz ter recolhido o corpo de uma mulher que se afogara; o corpo é mostrado em cena e o rei reconhece a esposa (o pescador poderia, também, ter reconhecido logo a rainha). Preto lamenta a perda da esposa (talvez em um treno, juntamente com o Coro) e a seguir surge Belerofonte *ex machina*, cavalgando Pégaso — e isso é praticamente certo, pois a cena foi acintosamente parodiada por Aristófanes na comédia *A Paz*, em 421 a.C. O herói revela ao rei a mentira de Estenebéia e justifica sua dupla vingança, que provocou a morte da culpada e o pesar do cúmplice involuntário. O rei, finalmente, se arrepende por ter acreditado cegamente na esposa (*Fr.* 671) e a tragédia termina.

O primeiro engano da tragédia é, como na *Iliada*, um malsucedido “engano à distância”: Preto é o enganador e Belerofonte, o enganado; a intenção de Preto é matar Belerofonte através de Iobates, sem se manchar, por causa do sagrado vínculo entre hospedeiro e hóspede. Esse engano segue fielmente o “roteiro” da *Iliada* e contém, ademais, uma espécie de “pré-engano”, pois o plano de Preto é desencadeado pela mentira de Estenebéia, possivelmente relatada nos diálogos do primeiro episódio e não mostrada em cena. Os múltiplos enganos preparados por Iobates, na sequência dos acontecimentos, falham sistematicamente.

O segundo engano, certamente inventado por Eurípides, ocorre fora de cena. De acordo com a *hipótese*, o herói preparou uma *μηχανή* simples, constituída apenas por dois elementos: a persuasão de Estenebéia e o ato que leva a rainha à morte. Belerofonte havia iniciado o engano ao dizer à rainha que seus sentimentos haviam mudado e ao convencê-la a fugir com ele. Eurípides deve ter mostrado essa parte do engano, do tipo retórico, em um diálogo, pois envolveu a persuasão da rainha. O segundo elemento do engano é uma ação

simples e direta, um empurrão que derrubou a rainha do lombo de Pégaso durante o voo. Eis a passagem da hipótese da *Estenebéia* que ilustra o malsucedido engano de Estenebéia e Preto contra Belerofonte (KANNICHT, 2004, p. 646):

(...) ἡ δὲ γυνὴ αὐτοῦ τὸν ξένον ἠγάπησε. Τυχεῖν δὲ οὐ δυναμένη τῶν ἐπιθυμηθέντων διέβαλεν ὡς ἐπιθέμενον ἑαυτῇ τὸν Βελλεροφόντην. Πιστεύσας δὲ ἐκείνηι ὁ Προΐτος αὐτὸν εἰς Καρίαν ἐξέπεμψεν, ἵνα ἀπόληται· δέλτον γὰρ αὐτῶι δοὺς ἐκέλευσε πρὸς Ἰοβάτην διακομίζειν.

(...) mas a mulher dele se apaixonou pelo hóspede. Como não pôde realizar seus desejos, ela acusou Belerofonte de atacá-la. Acreditando nela, Preto enviou-o à Cária, para que morresse; deu-lhe uma carta e ordenou que a levasse para Iobates.

Aqui, o bem sucedido engano de Belerofonte contra Estenebéia e Preto (idem):

(...) ἀνέσεισε δὲ τὴν Σθενέβοιαν ὡς <εἰς> τὴν Καρίαν ἀπάξων. Μαθὼν δὲ παρὰ τοῦ ἐκ Προΐτου δευτέραν ἐπιβουλήν φθάσας ἀνεχώρησεν. Ἀναθέμενος δὲ ἐπὶ τὸν Πήγασον τὴν Σθενέβοιαν μετέωρος ἐπὶ τὴν θάλασσαν ἦρθη. Γενόμενος δὲ κατὰ Μῆλον τὴν νῆσον ἐκείνην ἀπέρριψεν·

(...) e ele [sc. Belerofonte] encorajou Estenebéia, fingindo que a levaria para a Cária⁸. Ao saber, por alguém da casa de Preto, que um segundo plano estava a caminho, foi-se. Fez Estenebéia montar Pégaso, subiu aos ares, acima do mar e, chegando às proximidades da ilha de Melos, jogou-a.

Dada a exiguidade do espaço, não discutirei detalhes dos fragmentos e as outras partes da hipótese que embasam essa breve reconstituição da *Estenebéia* e de uma das mais interessantes variações do tema de Putifar encenada por Eurípides. Convém destacar, no entanto, que o substantivo ἐπιβουλή faz parte do léxico épico e euripídico que descreve o engano e foi utilizado pelo autor da hipótese para se referir indiretamente ao primeiro engano de Preto, que falhou, e ao segundo complô, que não chegou a se realizar. O vocabulário especializado, por outro lado, não está presente de forma explícita na descrição dos enganos, mas o autor recorreu duas vezes ao sintagma ὡς + *participio* para indicar uma circunstância com motivo suposto, não-real e enganoso (ὡς ἐπιθέμενον, no primeiro engano; ὡς ἀπάξων, no segundo). Quanto aos fragmentos da tragédia, alguns são certamente parte das cenas

⁸ Região costeira da Ásia Menor, situada ao sul da Lídia.

em que Eurípides mencionou ou apresentou os enganos, mas, com exceção de dois, não parecem ter sido parte dos enganos propriamente ditos.

Destaco, finalmente, alguns paralelos entre *Estenebéia* e *Hipólito B*, esta última uma das tragédias euripidianas sobreviventes com o tema de Putifar: a paixão da rainha é apresentada como uma doença (*Hipp. B* 731; *Fr.* 661.6); a Ama é a intermediária do impróprio amor da rainha (*Hipp. B* 651-2; *Fr.* 661.10-3); o alvo do amor proibido recusa virtuosamente — e um tanto violentamente — as propostas amorosas (*Hipp. B* 601-2, 651-63; *Fr.* 661.15-21) e profere uma série de frases misóginas (*Hipp. B* 616-50, 665-8; *Fr.* 661.22-6 e também o *Fr.* 666).

Uma diferença importante entre as duas tragédias, no entanto, é o tratamento mais do que realista dado por Eurípides à *Estenebéia*: o herói trágico não desiste e se vinga de sua inimiga (?) através de uma nada heróica trapaça... Em contraposição, no final Belerofonte é alçado a um *status* quase divino, ao descer *ex machina* sobre o palco em companhia do divino corcel Pégaso, filho de Poseidon e de Medusa.

Referências Bibliográficas:

- BLOOMFIELD, M. *Joseph and Potiphar in Hindu Fiction*. Baltimore: Transactions and Proceedings of the American Philological Association, v. 54, p. 141-67, 1923.
- COLLARD, C. Stheneboea. In: C. COLLARD, M. CROPP & K. LEE, *Euripides - Selected Fragmentary Plays*, v. 1. Warminster: Aris & Phillips, 1995, p. 79-97.
- COLLARD, C. & CROPP, M. Stheneboea. In: C. COLLARD & M. CROPP, *Euripides Fragments*, v. 2, Cambridge and London: Harvard University Press, 2008, p. 121-41.
- CROISSET, M. *Conjectures sur la chronologie de quelques pièces d'Euripide de dates incertaines*. Paris: *Revue de Philologie, de Littérature et d'Histoire Anciennes*, v. 34, p. 213-29, 1910.
- JOUAN, F. *Femmes ardentes et chastes héros chez Euripide*. Steenbrugge: Sacris Erudiri: Jaarboek voor Godsdienstwetenschappen, v. 31, p. 187-208, 1989.
- _____. Sthénébée. In: F. JOUAN et H. VAN LOOY. *Euripide - Tragédies tome VIII, 3^e partie*. Paris : Les Belles Lettres, 2002, p. 1-27.
- KANNICHT, R. *Tragicorum Graecorum Fragmenta, vol. 5.1 et 5.2: Euripides*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.
- MOST, G.W. *Hesiod - The Shield, Catalogue of Women, Other Fragments*. Cambridge and London: Harvard University Press, 2007.

RIBEIRO JR., W.A. Μηχαναί e outros enganos nas *Ifigênias* de Eurípides. In: Z.A. CARDOSO e A.S. DUARTE (org.), *Estudos sobre o Teatro Antigo*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 79-94.

YOANNAH, J.D. *Joseph and Potiphar's Wife in World Literature*. New York: New Directions, 1958.